

DUAS CASAS

Ludmila de Lima Brandão*

Resumo

Duas casas é uma montagem a partir do texto original de uma tese de doutorado – *A casa subjetiva. Matérias, afectos e espaços domésticos* – que tem como foco exploratório duas casas habitadas por uma mesma família (uma na fazenda, outra na cidade) que protagonizam importantes transformações ocorridas na região (Centro-Oeste), entre as quais o próprio deslocamento do campo para a cidade na década de 60 e as conseqüentes transformações do morar. O critério de seleção dos espaços apresentados é a equivalência de uso em ambas as casas – a área “social”, o quarto principal e a cozinha – de modo a tornar mais evidentes os caminhos singulares que a vida doméstica rural e urbana vai percorrendo, ao mesmo tempo em que se constituem em

Abstract

Two houses is based on the original text of a doctorate thesis – *A casa subjetiva. Matérias, afectos e espaços domésticos* (The subjective house. Matters, affections and domestic spaces) – that analyses two houses inhabited by the same family (one in the country, the other in the city), which represent important transformations occurred in the Central-West region of Brazil. One of these transformations is the exodus from the country to the city in the 1960's and the consequent transformations in the dwellings. The criterion for the selection of the presented spaces is the equivalence of use in both houses – the “social” area, the main room and the kitchen – so as to clarify the singular paths followed by the domestic rural life and the domestic urban life as they

* Arquiteta, Historiadora, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora do Instituto de Linguagens da UFMT, autora de *A catedral e a cidade. Uma abordagem da educação como prática social* (Cuiabá, EdUFMT, 1997).

ao mesmo tempo em que se constituem em distintos e complexos universos caseiros, verdadeiros territórios existenciais humanos.

domestic urban life as they constitute distinct and complex home universes – truly human existential territories.

Palavras-chave

Moradia; cidade; campo; cultura.

Key-words

Moradia; city; country; culture.

No dia 29 de julho de 1999, uma quinta-feira, a *Folha de S. Paulo* publicou um caderno especial dedicado ao Ano 2000 intitulado *Como será a nova casa?* Sem se aprofundar na discussão de uma nova volumetria e uma distribuição dos espaços que atendessem às características e necessidades de um morar contemporâneo das metrópoles (tanto mais acentuadas quanto maior o poder aquisitivo, ao que parece), a matéria aponta a nova casa como o resultado da instalação e disponibilização no doméstico de uma rede de aparelhos inteligentes que “cuidam da família”. Esses aparelhos vão da cafeteira que reconhece um a um seus donos e providencia o café de sua preferência (forte, fraco, etc.) ao vaso sanitário que realiza *check-ups* periódicos no seu “usuário” – por meio dos sensores e *microchips* que dispõe, com os quais medirão peso, teor de gordura, nível de glicose, etc. – tão logo ele se sente na privada.

O morar da metrópole, dos edifícios “inteligentes” e suas redes de pontos articulados de controle de todos os equipamentos, de todas as aberturas (portas, janelas, portões), de todos os sistemas, cada vez mais sensíveis – da senha alfanumérica à íris do morador – parece cada vez mais distante de um morar urbano ou rural que se remetiam sempre um ao outro, que nos alimentaram tentativas de polarização (no limite, todas frustradas), que nos deram matéria para comparações, aproximações, formulações de *contínuos*, mestiçagens ou mixagens, etc. Nem bem tivemos tempo de explorar o morar de um “urbano” e um “rural” que supúnhamos conhecer, estamos aí diante disso que, ainda sem nome, chamamos de “morar contemporâneo”.

Minha tese de doutorado¹, *A casa subjetiva. Matérias, afectos e espaços domésticos*, é uma espécie de cartografia de casas: uma casa de fazenda, uma da cidade e alguns fragmentos de casas contemporâneas. Ainda que nenhuma preocupação comparativa tenha orientado a produção sobre cada uma delas, ao contrário, a intenção era trazer a

1 Doutorado em Comunicação e Semiótica realizado na PUC-SP, sob orientação da Dra. Jerusa Pires Ferreira, defendido em 30/03/99.

casa em toda sua consistência e singularidade expressiva, certamente, e de uma maneira quase inevitável, podemos ao final fazer um balanço entre esses “morares”.

Especialmente as casas da fazenda e da cidade têm uma contigüidade espacial² e uma certa superposição temporal. A mesma família vai, aos poucos, se deslocando de uma para outra, até se instalar definitivamente na cidade³. Talvez por isso possamos ver ainda o quanto uma remete à outra.

O texto que segue é uma montagem a partir do texto original da tese, de três espaços equivalentes em ambas as casas: a área “social”, o quarto principal e a cozinha. A intenção aqui é produzir, com o mínimo possível, uma aproximação dos universos distintos em que cada uma dessas casas vai se constituindo. Além desses três espaços “clássicos”, finalizo na casa da cidade com seu banheiro interno, cujo equivalente no campo ainda era o côrrego, a lagoa ou, como exceção feita às senhoras mais pudicas, a bacia de banho no próprio quarto de dormir.

Casa da fazenda

O caminhão chacoalha entre os buracos que a chuva fez no barro e os volumes de piçarra resistente. Na boléia, homens, mulheres com pano-amarrado-na-cabeça, crianças. Passaram a última porteira e o último mata-burro. Chega-se pelo alto da colina.

Nesse ponto, a foto registra a paisagem: a linha do horizonte acusa um declive em diagonal, entre a frente e a direita, e leva ao côrrego que passa atrás de tudo isso que se vê.

Da linha da colina brotam as cumeeiras, pouco a pouco um pouco mais, conforme avança o caminhão: as cumeeiras e os telhados, as janelas altas, as portas, os cavalos amarrados nos moirões à entrada das casas.

Na direção da porteira, a casa principal, “casarão”. À esquerda, no meio, a “casado-meio” e na ponta extrema, o engenho. À direita, o “prédio”, que apenas se insinua por trás das figueiras gêmeas roubando-lhe o lugar na paisagem. Já se pode ver a casa toda. Apesar da altura do telhado, cuja queda avança sobre a fachada, a linha que predomina é horizontal. Como se não pudesse terminar abruptamente nas empenas

2 A casa de fazenda situava-se em N. Sra. do Livramento e a casa da cidade em Várzea Grande, municípios do estado de Mato Grosso distando 30 e 5 km da capital, Cuiabá, respectivamente.

3 O deslocamento do campo à cidade dessa família tem início em finais da década de 50.

laterais, delas saem muros cobertos por buganvíleas, dos muros, cercas, das cercas, caminhos...

O mato baixo que cobre a colina está um pouco seco, afinal é julho, tempo de estiagem. O caminhão segue em direção às figueiras. Encontra sombra e, mal cessou o motor, a gente vai descendo. As crianças maiores pulam da boléia, as menores são repassadas às que desceram. Trouxas e sacos/bagagem também. Mulheres, intimidadas pelo incômodo da situação, seguram os dois lados da saia pelo meio — entre as pernas — e descem do caminhão com a ajuda de alguém. Vez por outra, apesar dos cuidados, as saias alçam vôo. Estouram risos em bocas desdentadas.

Aí está ela, a casa. O terreiro, em frente, está limpo, um chão pisoteado pela gente que passa, pelos cavalos amarrados nos tocos que brotam do muro, pelos animais de criação, entre eles bezerros e leitões órfãos.

Fachada principal: uma janela, o vão de uma porta com cancela, mais duas janelas. As paredes de adobe são grossas, mais de trinta centímetros (as casas modernas têm tijolos de 12,5cm), as janelas todas em madeira. Velhas sim, arranhadas, escurecidas pelo tempo, mas daquela madeira que parece estar aí há séculos. A cancela impede a entrada dos animais e mantém a casa aberta, afinal ela está sempre aberta.

O bezerro atravessa a casa. Pode-se ouvir um grito rouco de mulher para a criança que corre atrás: — Tonho, já falei pra tirar esse bezerro daqui... vai agora fechar essa cancela... e xispa daqui!

A cancela dá acesso ao alpendre. Como uma casa de fazenda colonial, esta, que foi construída na segunda metade do século XIX, trazia o alpendre na frente com apenas um parapeito e dois moirões com escápulos. Apesar de ter sido fechado e em lugar da fachada semi-aberta, as duas janelas, a destinação era a mesma: pouso de homens de passagem pela fazenda e com eles, abrigo de cargas e acomodação de arreios. Como no tempo dos tropeiros, havia sempre um pouso no alpendre, um prato quente à noite e um bom quebra-torto na madrugada seguinte.

Uma sala retangular, aproximadamente 7m por 4m, cuja porta/cancela se situa no meio da fachada da casa. Em frente à cancela, o imenso vão de porta que, com um degrau, dá acesso ao corredor e esse às outras dependências da casa. O alpendre acontece, então, à direita de quem entra. O mobiliário se resume a bancos longos de madeira, encostados às paredes e pequenos mochos, bancos individuais de madeira, com assento em couro de boi. Ao longo também das paredes, inclusive a da frente, entre as duas

janelas, vários escápulos com redes enroladas. Em outros estão pendurados arreios para os cavalos. No canto ficam as cargas: sacos de milho, feijão, farinha e rolos de fumo. O espaço central é livre. O telhado “de uma água” tem queda para a frente. Na altura da parede interna o pé-direito passa dos 3,50m atingindo a fachada com poucos centímetros acima do portal. As telhas de barro ficam à vista, enegrecidas pela umidade e pelo tempo. Em um e outro canto, vêm-se teias de aranha que, vez por outra, são vasculhadas pelas imensas vassouras de telhado.

Alpendre



Há algo do estado-fazenda do qual só é possível se aproximar por meio da paisagem-alpendre. Nele, como na cozinha, predominam os cheiros. Cheiro forte, acre, masculino. Cheiro de arreios de couro curtido, velhos, gastos, se mistura aos suores de cavalo e homem, ao cheiro próximo do esterco à porta. Do barro-batido do chão, molhado diariamente, mesclado à fumaça dos cigarros-de-palha dos homens no alpendre. As cargas muitas vezes fazem a diferença de odores. Há cheiro inconfundível num saco de feijão, de milho ou de farinha recém-torrada. Bem à entrada, é *espaço masculino*.

A mágica do alpendre não se limita à química dos odores. Muitos espaços se descobrem lá. Desdobram-se e multiplicam-se conforme os homens que o freqüentam, conforme as histórias repassadas no fio da faca que alisa a palha para o fumo, len-

tamente. O alpendre contém o curral, o campo, o canavial, a invernada..., mas também contém os cabarés, as bebedeiras, os cururus e os mundos do outro mundo.

Pelo menos dois são os tempos do alpendre. Na madrugada, bem antes do sol aparecer, há um reboiço. Tudo é rápido. Homens que levantam espertos, dobram a rede, enquanto esperam o quebra-torto. Em pouco tempo as mulheres da cozinha chegam com um prato e uma caneca para cada um. Mingau de farinha-de-milho, paçoca, marizabé, banana frita. Na caneca: café, leite ou mate. Ainda recebem, na mão, um pedaço de bolo de fubá. Para o sapiquí de cada um, uma porção farta de paçoca, de um lado, e, do outro, mandioca cozida e também rapadura “pra adoçar a boca e a vida”. É o tempo de comer e preparar os cavalos. Enquanto isso, repassam o trabalho para o dia. A cana para cortar, o bananal para limpar, a rês que desgarrou no dia anterior, a ser encontrada.

Entre um tempo e outro, o do fim de tarde, o alpendre vira lugar de passagem ou abriga o passante que pede água, guaraná e sombra.

Enfim todos apearam do caminhão. No alpendre estão reunidos os recém-chegados. Os que são da casa tocam a ver seus parentes. Tropel de crianças que correm para ver os que chegaram. Os homens de passagem ajeitam suas coisas no alpendre e tomam assento. Um deles pegou carona no caminhão na altura do Faval. Trouxe um saco de feijão para negociar no bolicho que abre no domingo. Precisa de mantimentos, remédio pra moléstia da mulher e não pode ir até a cidade. Dois rapazes carregam a carga do patrão: mercadorias para o bolicho, a novidade são as peças de chita e de musselina para as mulheres e, para os homens, mescla azul, além de alguns pareios de roupa pronta. Coisa fina.

O tempo lento chega com o fim de tarde. Não há pressa para desmontar, dar de comer e beber aos cavalos. Tirar o chapéu, abanar-se, sentar no toco à espera de um guaraná. O dia foi longo. A rês foi encontrada morta depois de muita procura. Picada de cobra. Enquanto os arreios são acomodados no alpendre, as falas mansas acompanham os movimentos lentos, de estirar a palha, de limpar o cochonilho, de picar o fumo, de beber sem pressa o guaraná, enrolar fumo na palha e finalmente acender o cigarro. Uma tragada funda, a fumaça acompanhada pelo olhar... suspiros.

Se o nascer do sol acelera a pulsação, no ritmo dos fazeres enérgicos, à medida do sol que se põe no oeste, tudo vai ficando cada vez mais lento. As crianças se aproximam curiosas. Querem ouvir as histórias da lida. Mas terão de esperar a noite chegar, depois do banho dos homens no córrego, da hora da janta. Aí, então, todos voltam para o alpendre, ou ficam à porta, com um olho no céu e outro no vulto daquele que tem a palavra.

Enquanto os ritmos são pelo menos dois, entrecortados pelos das ocorrências domésticas, os estados do alpendre são múltiplos. Eles se instauram conforme as histórias. Toda noite, o alpendre é teatro. Sem palco e platéia. Onde qualquer um e todos podem ser protagonistas ou narradores. Os homens têm a palavra. As crianças, ouvidos atentos. As mulheres, com algumas exceções, nunca estão completamente no lugar. Ouvem interessadas, mas quase sempre ficam à porta, um pouco na iminência de sair. Talvez porque o espaço seja masculino demais. Mas também participam, algumas, como boas contadoras de histórias. Histórias da cozinha, das mulheres, das que envolvem crianças, das doenças e sofrimentos, e de casos fantásticos.

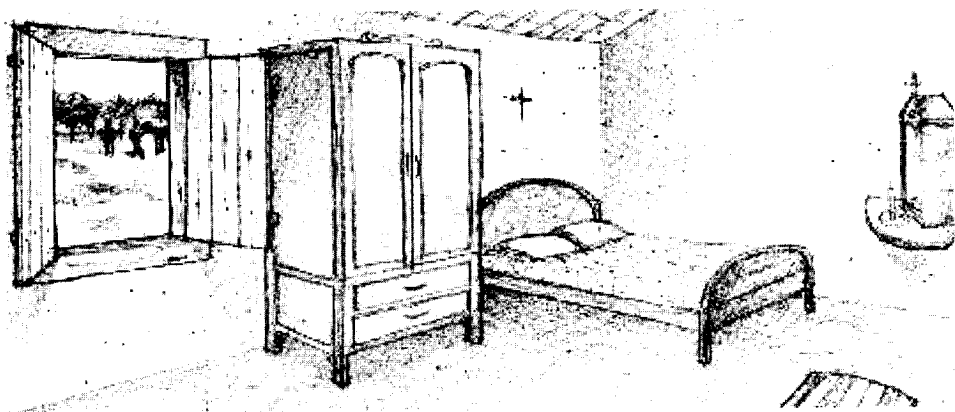
Um dos estados é mágico. Como o encontro de dois mundos. Histórias com mortos e vivos. Sempre real, tanto mais quanto respeitável for o narrador/performer. O alpendre se faz penumbra. A fumaça dos cigarros, da vela, da lamparina de querosene ganham visibilidade. Só existem vultos, fumaça e a voz do narrador.

Nessa noite, o homem que veio das bandas do Faval negociar mercadoria conta o que tem acontecido por lá: tinha um viúvo na região que vivia de carregar água do rio em latas de querosene na carroça puxada por um burro velho como ele. Em tempos de seca os poços não tinham água boa e, como era difícil chegar até o rio, ele facilitava a vida das mulheres da redondeza levando, toda noite, a água para beber no dia seguinte. Um dia foi encontrado morto pelas costas, quando carregava uma lata de água do rio. Dizem que sua alma não sabe que morreu. Não deu tempo pra sentir a morte chegar e ele continua trabalhando. O povo de lá diz que escuta a carroça encostar na porta de casa. Ouve o barulho da água balançando nas latas de querosene e das latas batendo umas nas outras. Ouvem, dizem algumas mulheres, a voz do viúvo anunciando: Olha a água!

Às vezes, a magia dá lugar ao passado. Os contos de antanho. Dos homens que enfrentaram a dureza da região, a terra inculta, os animais temidos. Na terra, a onça pintada. Na água, a sucuri gigantesca. E outra espécie de gente: os índios. Histórias de heróis e covardes. De gente que matou e morreu muitas vezes. Nesse estado, no alpendre, ganham dimensão os facões que cortaram o mato, a espingarda que acertou em cheio a testa da jaguatirica, o laço que domou o touro bravo, selvagem, tucura.

Entre uma história e outra, um bocejo, um comentário sobre a lua, alguém que armou a rede no canto, o dia é encerrado com um solene – *Hora de dormir; amanhã o dia começa cedo!*

Quarto principal



Porta estreita, pouca altura. O dono da casa se curva para atravessá-la. Toca particular. Espaço privado da casa, mais que o quartinho e a privada. Alcova, apesar da janela (quase sempre fechada). A cama (exigência da mulher com seus males de coluna), novidade introduzida nessa geração, é acompanhada de um “guarda-roupas” simples, apesar da qualidade da madeira. Jogo de quarto, que passa a compor, a partir de então, paisagem de desejo de jovens noivas... Uma cama que encerra mistérios da noite, entre paredes indevassáveis. Quarto mergulhado em mistérios. Num espaço que concebe apenas coletivos – de homens e de mulheres – o lugar privado é estranho, interdito e, até certo ponto, ignorado.

Espaço sóbrio. Um crucifixo na parede, à cabeceira. Em frente, o nicho e seus santos: São Benedito, São Sebastião, Sant’Ana, Santa Terezinha, Santa Rosa de Lima...e as fotos-lembrança dos mortos da família...

Entre o crucifixo-deus imolado e a guarda dos santos e parentes, a cama. Sexo-sacrifício-feminino. Sexo-cadafalso. Sexo-obrigação conjugal. Sexo observado, controlado, consentido sob condições especiais. O gozo, a volúpia, o desejo estão na fazenda também, mas seu espaço é outro. Vaza entre os poros da casa, segue as trilhas do rio, as paredes do engenho, os fundos das casas-taperas, especialmente em dias de festa, com as moças soltando o riso na boca borrada de batom, o cheiro de licor e cachaça, sem olhos sagrados a vigiar – noites de lua alta.

Neste quarto-privado, em oposição ao quarto-coletivo mulheres (quartão) ou mesmo ao quarto-coletivo homens (alpendre), não há prazer manifesto na vida sexual consentida. Nos coletivos, ao contrário, ainda que a interdição se objetive na ausência de

privacidade, o prazer escapa nas histórias picantes, sussurradas entre iguais, arrancando interjeições, risos e gargalhadas, nos consentimentos da palavra noturna.

O quarto-privado, ao menos este quarto, sucumbe ao peso do pecado, encerra punições, histórias narradas, repetidas vezes, pelas mulheres do quarto ao lado.

— *É verdade sim. Ela ficou desse jeito, meio ruim dos nervos depois da perda das quatro crianças. Duas morreram aí, nesse quarto. Tirante o primeiro que morreu já menino, os outros eram tudo de colo. Bão, teve um que nasceu morto, o pescoço quebrou, e foi aquele pampeiro pra tirar o anjinho. Ela sofreu muito. Amarraram o braço dela no punho da rede, deram fumo pra mascar, e muita reza. Só Deus sabe como escapou dessa. O mais esquisito foi o outro que morreu com vinte e oito dias. Minha madrinha Nita diz que, quando a criança nasceu, invés de chorar, deu uma risada de fazer medo. Ainda num tinha acabado a quarentena, tava os dois no quarto escuro, e minha madrinha foi fazer a limpeza da criança. Tava co'ele na bacia, e ele deu a mesma risada. Diz que ela arrepiou tudo. Quando olhou de novo pra criança ele já tava roxinho... mortinho, mortinho. Ele tinha só vinte e oito dias...e ainda era pagão.*

A Leste do Éden. J o n ?...? t e i n b e q u e. Anunciado em letras grandes, vermelhas, na capa da Revista Seleções – r e a d e r e s ... d i g é s t e – como tenta a língua soletrar. Versão resumida. Caim, Abel, traição e morte em folhas marcadas no baú. Muitas revistas. Livros de bolso, capa e espada, policiais, historietas açucaradas da filha mais nova. Jornais velhos. Alguns livros ensebados. Baú 1, a porta do mundo. Não encarcera, liberta. Não aprisiona, dá asas. Não esconde, descobre. Primeira e Segunda Grande Guerra, volumes em capa dura. A vida de Laura de Vicuña, uma santa. Pequena publicação sobre a Coluna Prestes, afinal, os “revortosos” passaram lá.

Baú 2 – coisas de mulher: retalhos de padrões diversos. Uma pequena bíblia. Ao lado, dois conjuntos esmaltados para lavagem: uma jarra branca alta, uma bomba de mão, tubo longo de borracha. Lavagem intestinal – cristé. Lavagem uterina para uso preventivo após o ato sexual. Nem sempre dá certo..., alternar com a camisinha-de-vênus, escassa. Em último caso, métodos abortivos. Outros pequenos objetos: urinol, castiçais, lamparinas.

Cozinha grande

A cozinha é uma construção independente do corpo da casa. Saindo pelo varandão, cujo telhado avança em queda por mais dois metros, há uma área coberta antes da cozinha. O telhado dela cai na direção que vai ao encontro do telhado do varandão.

No encontro das duas uma grande calha atravessa, em comprimento, a área que aí se forma. Esse espaço, entre a cozinha e o varandão, chamado de “área”, além dos bancos de madeira, tem um grande *tacuru*, composto por três pedras, neste caso, três grandes pedras cangas, dispostas em círculo, formando um “fogão”. Nesse *tacuru*, em imensos tachos de cobre, são feitos os doces e é refinado o açúcar-de-barro. Duas ou três mulheres são necessárias para, sem parar, na mesma direção, durante horas seguidas, mexer o doce ou bater o açúcar.

Essa área ainda se estende em “L”, à direita de quem sai do varandão, entre a parede do quartinho e os fundos da cozinha. Três longas mesas de madeira estão aí dispostas. É o lugar de corte de animais abatidos, especialmente, porco e boi. No abate de porcos formam-se grupos de trabalho. Garotos e mulheres preparam os animais. Após a limpeza com água fervente e raspagem do pêlo, é a vez do especialista do corte. A faca é afiada muitas vezes. O corte é feito ao longo, na barriga do animal. A primeira tarefa é a retirada das vísceras. Outros cortes menores são feitos nas juntas das patas e em volta do pescoço. O mais difícil é aquele entre o couro e a camada de toicinho. Ferir o menos possível. À medida que as longas fatias de toicinho são retiradas, outros homens, nas mesas ao lado, cortam em cubos dispondo-as em tachos para a transformação em banha. Mulheres preparam as tripas – lavam, esticam, secam, outras, as vísceras para a feitura da lingüiça.

A área está cheia. Dois grandes porcos foram abatidos. Seu Luís veio lá do Salto pro corte dos animais. Ninguém corta como ele. — Eta bicho bonito. Num tem uma pipoca. Vai dar é muito litro de banha. Dico! olha direito pra faca, a posição de cortar num é essa, se num quiser cortar seu dedo e estragar a carne.

Cheiro de banha, sangue lavado, *tacuru* pegando fogo (toco cru pegando fogo – brincadeira de criança). Gargalhadas de homens, arrebatamento de mulheres em volta dos homens que cortam o animal. Crianças curiosas, umas, dedicadas no aprendizado, outras, manhosas, ranhetas, atrevidas, trançam a área. Festa de trabalho. Ao lado, na cozinha, mulheres preparam a comida pro *muchirum* do porco. Muita comida.

Cozinha grande. Paredes pretas da fuligem que escapa o dia todo. Cozinha escura, iluminada pela brasa que queima no fogão de lenha. Mulheres grandes, gordas e seus panos amarrados na cabeça. Mulheres franzinas, pés sem calçado, na escadaria da porta, catam feijão no apá de bambu, descascam mandioca, debulham o milho pra sopa. Vapores que sobem das panelas. Fritura de banha de porco unta o ar quente-úmido da

cozinha grande. No canto, dois garotos em ritmo marcado socam no pilão a carne seca da paçoca. Um punhado de farinha pra facilitar a moagem.

Fogão que ocupa uma parede inteira. Parede e fogão se confundem, atingem o teto atravessado pela chaminé grossa, preta, quente, cuspidando fumaça-fuligem. Imensas panelas de ferro. Tachos ciganos de cobre. Caldeirões, bules, rabinhas. A mulher, braços fortes, toma o pano escuro nas mãos, desce a panela do fogo de cima; sobe a panela do fogo de baixo. Abre a tampa do forno, puxa a bandeja repleta de bananas assando, com um garfo tira um pedaço. Volta pro forno.

— A bóia tá pronta! Mariinha, vamos arrunar os pratos dos homens! Cada mulher se põe, com uma colher de pau, diante de uma panela. O prato vai sendo passado e recebe, de cada uma, farta porção. As crianças chamam os homens um a um, que recebe o prato, procura assento, tira o chapéu e se põe a comer com as mãos. — Posso sentar aqui, compadre? — Ora, deixa disso, compadre, vai sentando logo. — Quinco, conta pra compadre Luís o caso lá da tal da firma. — Firma? Que história é essa de firma, compadre Quinco? — Pois olha, essa redondeza aqui tá mudando tudo. O senhor soube da falência do seu Tico, num soube? — Soube sim, o Banco do Brasil tomou as terras dele... — Pois é, agora é outra coisa. O Buriti também mudou de dono. Venderam as terras e o povo de lá vai ter de sair. — Mas venderam pra quem? Aí é que tá, compadre... Num é ninguém não, é uma tal de firma, que diz que num tem um dono, mas um bando de gente que ninguém num conhece. — Então é a tal da empresa que tão falando que quer comprar tudo por aqui... As crianças tão querendo procurar colocação lá, diz que é tudo na lei. Assina carteira e tem INPS. — É, compadre, mas num é esquisito esse negócio de trabalhar sem conhecer a cara do patrão? — Isso é verdade, mas são os tempos... o mundo tá virando de cabeça pra baixo.

Casa da cidade

Nesta casa, entra-se pelo roseiral.

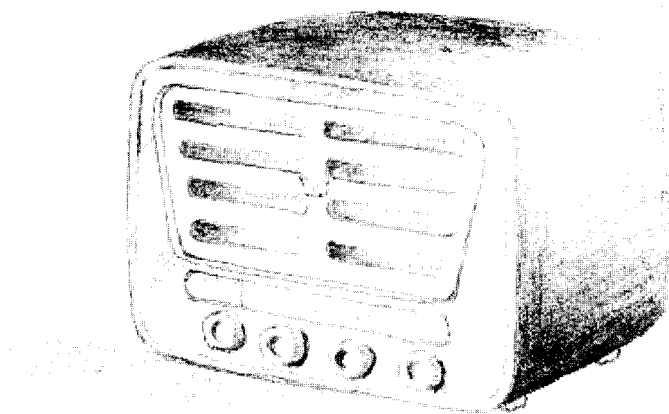
Um retângulo longo: mais ou menos dez metros por três definidos por um parapeito de 1,20m de altura. Retângulo aberto em terra, descoberto, receptor das duas águas da casa, centro da edificação. Espaço interior ao “U” – forma da casa. Útero. Ainda que não esteja à porta de entrada, instala-se nela pelo jardim.

É claro que existe uma “outra” entrada. Pela sala, que não é propriamente uma sala, mas uma espécie de varanda, um quase-alpendre urbano. Este é o espaço contíguo à porta de entrada. Mas o fato de vazar para o jardim, uma vez que só um parapeito o separa dele, tira-o do foco e põe o jardim no lugar. Então, entra-se na casa pelo jardim, pulando a sala-alpendre.

Curioso. Na casa-da-fazenda, esses dois tipos de “entrada” – a formal e, digamos, a que *instala a casa*, a *intensiva* – são coincidentes. Trata-se lá do alpendre, como espaço de acesso à casa, mas, também, de toda uma atmosfera masculina – dos fazeres da terra – que ressoa por todos os seus pontos, mesmo nos mais notadamente “femininos”.

Do lado de fora do parapeito – que é “fora” em relação ao jardim e “dentro” em relação à casa –, de ambos os lados, passa o corredor (1,50m) de acesso aos diversos compartimentos. De qualquer uma das peças se vê o jardim, horizonte-foco paradoxal da casa. Do jardim se vê toda a casa – panóptico. Em frente: a sala-alpendre com porta central abrindo para o pátio exterior, entre a casa e o muro que margeia a rua.

Sala-alpendre



Este espaço é sala mas é, também, alpendre. Não há uma natureza predominante. A porta está centralizada em relação a toda a fachada. Tem a largura do jardim mais a dos corredores laterais: 1,50 + 3,00 + 1,50. As paredes laterais trazem portas para o quarto do casal e do filho solteiro, diametralmente opostas. O parapeito separa (e aproxima) o jardim. Parede pintada em verde pálido.

Casa-cor. Verde, rosa, azul, amarelo, lilás... Cada peça uma cor. A base branca da cal, misturada à água em uma lata de querosene, recebe o pigmento em pó – tinta Xadrez –, comprado na venda ao lado. Mistura-se por um longo tempo e obtém-se a

cor na medida do experimento, segundo o tanto de pó. Um rosa que não é exatamente o da rosa do jardim. Apenas remete. Amarelo como o do miolo da goiaba branca, pálida – não é o amarelão doente da icterícia, nem o ouro-bandeira – é quase não-amarelo. Falsas-cores, deliberadamente falsas, para apenas fazer lembrar que as cores estão lá fora... no jardim, por exemplo. A parede rebocada e alisada com a colher do pedreiro recebe de imediato a caiada branca e a caiada de cor. Teste. – Está bom? – Ainda não, mais um pouco. Operações repetidas, tantas quantas forem necessárias. A casa ganha cor. Mondrianesca que recusa o preto, a fidelidade e a pureza.

Piso-deserto de formas geométricas. Cerâmica hidráulica artesanal, mosaicos em vermelho e branco. Deserto pela imensidão lisa que proporciona. O olhar focando o plano do chão se perde nas articulações sem fim do mosaico que não se fecha nunca... Como num jogo 3D, o vermelho vem à superfície, o branco se aprofunda. Inversão de figura-fundo numa gangorra em que o corpo é levado pelo olho até o embaralhamento de formas, cores, de sujeitos e objetos. Quem é quem? Criança-mosaico misturada num deserto gelado. Alice no tabuleiro em preto-e-branco que foge às bordas e mosaiciza o mundo. Cortem as cabeças!!! Cortem as cabeças!!! Histriônica Rainha louca de Copas.

Teto, telhado à vista. Telhas coloniais se superpõem, misturando-se aos aglomerados enfumaçados de ovos de aranha, ameaçando cair... Telhas que, dizia a bisavó, eram moldadas nas coxas grossas das escravas. Não era exatamente o caso destas, mesmo assim, o telhado lembrava segmentos de coxas negras, achocolatadas, superpostas, escalando em direção à cumecira. A imensidão é feita de retalhos. Pedacos que não se colam, apenas encostam e, nos interstícios, profundidades abissais. Piso e teto. Alto e baixo... o que dizem as telhas aos mosaicos? – Virem o mundo de cabeça para baixo! É o que as crianças fazem, experimentando percursos, aproximando pedacos separados, testando mundos impossíveis. Ouvindo as matérias, sondando seus desejos. Piso que é teto. Açúcar no ovo frito.

Uma mesa longa de madeira com cadeiras em volta ocupa o centro da sala, somente. Algumas conversas do alpendre aportaram aqui, sem os cheiros de lá, é claro. O aroma é doce e úmido, vindo do jardim ao lado. Não há ritmos sistemáticos, apenas, talvez, tempos masculinos e femininos.

Com homens em casa (quando chegam da fazenda) a sala lhes pertence: vendem-se e compram-se gado, porcos e bananas. A cerca é negociada com os posseiros da sesmaria. Pactos políticos, apoios e votos são, incansavelmente, discutidos, empenhados.

Os homens saem, as mulheres entram, ficam pouco, a mesa lhes é desconfortável. Só o enxame de meninas prefere a sala vazia de homens, ou melhor, o parapeito. As

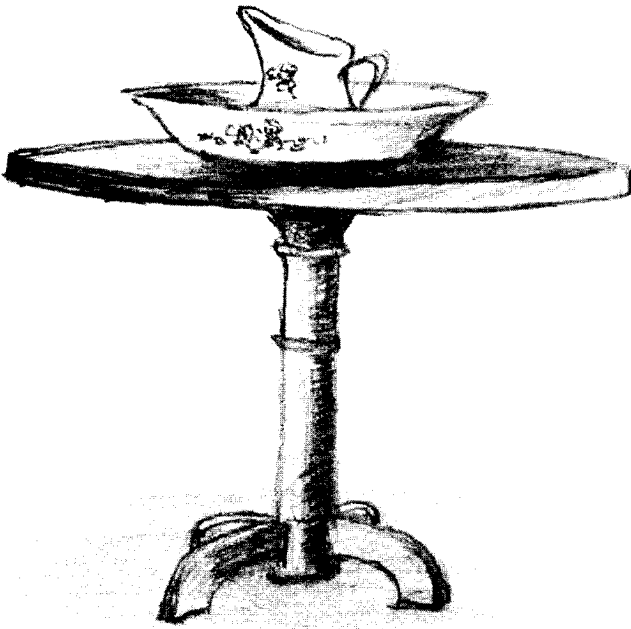
mulheres mesmo preferem os quartos, a beira das camas. A conversa não é propriamente conversa-de-mesa: os males que as molestam, os sonhos renunciadores, a vida de casada das jovens, as preocupações do marido... As meninas não; estas falam (várias ao mesmo tempo) da festa de Sant'Ana, da destreza exibicionista do rapaz que lhes convém, do pedido de namoro... Um jogo interminável de troças entre si: o desmazelo de uma, a preguiça de outra, o “fogo” de mais uma...

Catarina é preguiça, o que não é novidade. Só tá disposta pra festar e pedir favor. Na festa do Buriti ela pediu pra Biía fazer a barra do vestido novo que Adelina costurou (Adelina não gosta de fazer barra). Biía pensou, pensou e disse — tá bom eu faço. Catarina descansou, preferiu não pensar porque Biía aceitou fazer a barra sem muita reclamação. Todo dia Catarina perguntava da barra pra Biía e ela dizia — eu não prometi? então eu vou fazer, nem que seja na hora da festa e não me amole mais, você sabe que eu faço isso zás-trás. No dia da festa, quase na horinha, lá no sítio, Catarina perguntou do vestido. Biía mandou ela tomar banho, que já tava costurando. Então, enquanto Catarina desce pro rio, Biía foi fazer a barra mas, antes, ela foi na tapera do fundo, e em cima do telhado pegou uma ninhada de rato ainda pelado, cor-de-rosinha, cor-de-rosinha. Botou numa lata e foi fazer a barra: dez alinhavada e um ratinho ensacado, mais alinhavada, outro ratinho. O vestido floreado, era daqueles de saia bem rodada com anágua e armação de arame. Tinha um laço de cetim cor-de-rosa grande na cintura. Então... Catarina chegou e o vestido tava estendido na cadeira. Vestiu, sentiu pesado... — Ué, tá pesado esse vestido. — É que tá muito engomado. — Mas tem um trem esquisito aqui... parece que tá mexendo... — Não é nada Catarina, tá uma beleza esse vestido! — Ah! você não cortou a barra, dobrou muito pano, não é Biía? — É que você ainda tá crescendo, fiquei com dó de cortar o pano... — Mas tá pesado demais... aiii... tá chiando... Então Catarina põe a mão na barra... Aí, só grito e disparada de Catarina, rancando o vestido, correndo feito louca até ficar em pêlo.

Quarto do casal

Apesar dos móveis parecidos, pouca coisa do quarto na fazenda. No geral, descobre-se aqui um outro clima, sem tantos mistérios/pecados de lá. Talvez porque não houvesse mais nada para esconder, ou porque os filhos estivessem crescidos, criados... talvez porque esta casa fosse sua alforria, seu território... a realização de seu desejo⁴... talvez isso tudo junto... O fato é que este quarto é o mais iluminado. Três portas: uma

4 O texto refere-se à dona da casa, que deixou a fazenda na década de 50 para morar na cidade.



para a sala, uma para o pátio da casa, uma para o quarto ao lado, da filha-mais-vó. Durante o dia, escancaradas, são portas-janelas.

Mobiliário: o jogo em madeira clara de cama e guarda-roupas; o baú. Cama com criados-mudos. Uma rede sempre armada entre a porta do pátio e o oratório no canto em frente à cama. Um triângulo então se inscreve no quadrado do quarto cruzando outro triângulo formado pelas portas.

Cama-oratório-rede.

A rede olha a cama. O corpo acolhido pela curvatura não conhece aquele distendido – peso total – sobre a superfície plana. A curvatura faz a diferença, dissimulando ou zerando o peso (os arcos são a prova disso). Suspenso, o corpo encontra o ar, é envelopado pelo ar, livre nos sonhos pra improvisar mundos. Sob um compasso de balanço, contra-ritornelo que arranca os pés do chão e se desfaz no ar, inventa modos inusitados de ser, quem sabe, a folha arqueada (rede invertida) da bananeira! Máquina de sonhar, fabular, se desfazer, descomprometer, deixar o chão, desterritorializar... Conversa de rede... Namoro de rede... Sonhos de rede...

A cama olha a rede. O corpo plano estranha a curvatura. A cama precisa do livro pra fazer sonhar. O livro inventa o criado-mudo e seus acessórios. Precisa do quarto-de-dormir, de uma quadratura de terra cercada e um teto (a rede, ao contrário, é seu próprio quarto sem quatro paredes, dispensa paredes, bastam-lhe dois troncos). Chão que se eleva para suportar o corpo pesado, colado, comprimido, entre o céu e o solo, mas visivelmente tragado pelo chão, sem movimento. É verdade que a cama também sonha, entretanto, não há convite, ela resiste até o último instante (as insônias são da cama). O peso da vida parece não confiar nos sonhos. Desconfia então da rede, onde nada é sério demais, ou grave demais (não é à toa que os filhos de Édipo preferem o divã e toda a tralha do peso da vida). Europeu sobrecodifica a rede: preguiça dos trópicos. Não vê que é apenas uma dobra... (da rede), ou linha de fuga (recusada) de si-sujeito à cama.

O oratório olha a cama e a rede. Sua preferência é indiscutível. Compõe com a cama o plano da obrigação, da culpa, do *mea culpa*: o pecado necessário, a confissão e, claro, a remissão que reinstaura o circuito. Um outro plano, que no fim é o mesmo, apesar de diferente, dispensa a cama em proveito da esteira ou tatame, diretamente no chão: os ascetas e os generais (não os guerrilheiros, estes preferem as redes improvisadas) – o plano é da coragem em exposição, a idéia fixa de um dever acima de tudo.

Quanto à rede, que fazer se ela escapa o tempo todo? se é sempre lateral em relação ao oratório? O pecado, se existe, é dissimulado como o peso do corpo, confunde-se com os sonhos. Os corpos que se misturaram na noite, deixando uma rede vazia, preenchendo todos vãos-de-malha de outra qualquer, tiveram apenas um sonho, um único e mesmo sonho sonhado por dois. Na rede, não se sonham dois sonhos. Na rede, é impossível a permanência hipócrita que a cama-de-casal tolera; suporta se transformar em cárcere em proveito do Signo.

Cozinha

Último compartimento da casa. Tem duas portas: uma voltada para o corredor ao lado do jardim, centro da casa, outra na parede oposta, saindo para o quintal.

Tome-se um pedaço de algodão grosso branco, faça dele um triângulo, dobre um centímetro na base costurando a borda, deixando vão suficiente para passar um fio de arame. Junte as duas laterais com costura muito rente. Feito o funil de algodão, passado o arame em arco, na largura suficiente para descansar sobre a boca do bule, passe nesse

funil, agora chamado coador, durante vários anos todos os dias, de manhã cedinho, o café moído e de preferência torrado em casa. Isso não é receita de café... é de cozinha. Mas não é tudo, ainda é muito pouco.

Como se faz *uma* cozinha? Há uma idéia a ser formulada aqui, nesta cozinha: sobre a natureza deste espaço. O que se sabe é que a cozinha é lugar de produção. É fábrica onde se processam alimentos; química é a matéria. Entretanto, há um outro fenômeno a ser considerado aqui, da ordem dos moleculares. A cozinha é essencialmente um espaço que contrai odores e que os libera sob algumas circunstâncias. Uma espécie de contra-esponja, porque ao contrário desta que absorve líquido à medida que ela própria se expande e o libera quando é contraída, a cozinha contrai odores se contraindo e libera se expandindo. Ocorre que as paredes, os tecidos, as panelas, a chapa do fogão (neste caso de ferro), o ar, o piso, o teto, tudo enfim, é feito de matéria que, na duração, vai aprendendo a ser cozinha, vai sendo aquela cozinha, contraindo cheiros, se acostumando a esses cheiros e tudo fica assim: com cheiro dela.

Adelaide cheirava à cozinha como esta à Adelaide. O cheiro de Adelaide foi também contraído pelas paredes, como o dos alimentos, da fuligem da chaminé, da fina capa de banha na chapa do fogão. Ao mesmo tempo, tudo isso também brotava da pele de Adelaide. A cozinha cheirava mais a ela própria com Adelaide à beira do fogão de ferro esmaltado em branco e seus miosótis azuis, delicadamente pintados na porta do forno. Delicioso. Quando Adelaide, em vestido domingueiro, se banhava em Alfazema, a cozinha toda se refrescava!

Mal abatida a galinha, semi-morta, nos últimos estertores de uma vida a escapar pelo fio de sangue de um pescoço quebrado numa só torção e cortado em semi-círculo por um fio de navalha, as paredes, o piso-teto, panelas-panos-talheres, o ar, já antecipavam vagamente o cheiro de *qualquer coisa-com-galinha*. O espaço sabe.

Coxas, sobre-coxas, asas, fatias de peito, pescoço... um coração em meio ao arroz-quase-papa-graúdo; tom amarelo/avermelhado pelas rodclas de tomate e pimentão. Cheiro de tomate maduro cozido no vapor, mais sal, mais azeite, mais cebolinha e salsinha. Muita salsinha. Ai! se lhe cai uma quase-gota do velho vidro verde de pimenta malagueta...

Banheiro

A solidão do homem – ou, o homem e seus intestinos – é vizinha desse estado de ignorância de um si, no qual só existe *nós* (e *outros*, é verdade): os grupos, os bandos, as tribos... como as meninas, o enxame de meninas desta casa que, ruidosas, disputam o viril jato d'água a jorrar pelo cano, ao centro da parede de fundo, neste banheiro interno, inédito cômodo doméstico.

As telhas achocolatadas vêm, sob si, as coxas desnudas das meninas ensandecidas na festa do banho coletivo. Hesitam entre o espetáculo do homem solitário da privada ao lado, sujeito aos humores do corpo, e esse outro espetáculo, das *lolitas* caboclas e seus novos-pêlos suando pelas banhadas de hormônios.

O rio ou a lagoa, sem paredes, sem teto, nem telhas, diluía os gritos... reduzia o bando... de certa forma, escondia as meninas, talvez para poupar uma frágil razão humana. Aqui, ao contrário, as encontramos mais nuas do que antes, mais barulhentas, populosas, presentes ao ponto de vazar pelas frestas das paredes, portas e telhas, assombrando a casa toda, perturbando os que sentem o cheiro, ouvem a algazarra, intuem os contatos que escapam de lá: desse banheiro, na hora do banho do bando de meninas da casa-da-cidade.